

Cataldo Parísio Sículo

EPÍSTOLAS

II PARTE

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Epístolas
II Parte

Autor: Cataldo Parísio Sículo

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Janeiro de 2005

ISBN: 972-27-1378-7

Depósito legal: 220 584/04

PREFÁCIO

A circunstância de ser publicada, em primeiro lugar, a segunda parte das Epistolae de Cataldo necessita de uma explicação.

Começámos pelo segundo volume porque é nele que se encontra a maioria do epistolário de Cataldo dirigido a portugueses.

Também o tratamento merece um comentário. Preferimos o uso generalizado do «tu» dos romanos e dos humanistas em detrimento de «vós», hoje antiquado e provinciano, e do «você» de todos os dias, mas ocasionalmente demagógico.

Actualizámos a grafia do latim, segundo as normas correntes em edições críticas, e desdobrámos as abreviaturas. Também aligeirámos o texto maciço de Cataldo, sem intervalos, criando parágrafos e modernizando a pontuação. O texto original do humanista vai reproduzido, em fac-símile, no final do volume.

As anotações são sóbrias, todavia — segundo cremos —, suficientemente elucidativas.

*Gostaríamos de lembrar, aqui, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal e antigo professor da Faculdade de Letras de Coimbra, que, há muitos anos, sugeriu a publicação das cartas de Cataldo *. Oxalá a memória do Senhor D. Manuel, que reeditou o seu Clenardo aos 87 anos de idade, seja um estímulo para futuros investigadores!*

Coimbra, 11 de Fevereiro de 2003.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
AUGUSTA FERNANDA OLIVEIRA E SILVA

* *Humanitas*, vol. xxix-xxx, Coimbra, 1977-1978, pp. 288-291.

CATALDO

Cataldo Parísio Sículo nasceu na Sicília, possivelmente em Sciacca, em 1455. Esta data conclui-se de referências inseridas na correspondência e nos versos do humanista. Doutorou-se em Direito Civil e Direito Pontifício na Universidade de Ferrara, em 21 de Fevereiro de 1484. Por intermédio de Fernando Coutinho, então estudante em Itália e mais tarde bispo de Lamego e Silves, foi contratado para o cargo de *orator*, secretário latino e orador oficial de D. João II. Algum tempo depois da sua chegada a Portugal, em 1485, começou a ensinar D. Jorge, filho bastardo do soberano.

Em Itália, ensinou Latim, enquanto estudava Direito, e teve carreira acidentada ¹.

No seu livro *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi*, publicado em Lisboa, na oficina de Valentim Fernandes da Morávia, em 21 de Fevereiro de 1500, encontra-se a *Oratio habita Bononiae a Cataldo in laudem omnium scientiarum et ipsius Bononiae*, escrita, e talvez pronunciada em Bolonha. Isto não quer dizer que tivesse sido professor da Universidade de Bolonha, pois os autores das *orationes* podiam não ser docentes das escolas onde eram pronunciadas.

Vindo para Portugal, aos 30 anos de idade, e falecido no nosso país cerca de 1517, acabou por viver mais tempo entre nós do que na Itália natal. Deste seu apego à terra portuguesa são testemunho declarações nos seus versos, em que se considera português por adopção.

Das suas funções como secretário latino do rei D. João II, ficaram cartas a reis, príncipes e cardeais estrangeiros, entre

¹ Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, FCG/JNICT, ²1997, pp. 33 e segs.

outras altas personalidades, que incluiu em *Epistolae et orationes quaedam*, que passaremos a designar por *Ep. I*.

Algumas delas, traduzidas para português por Francisco Rodrigues Lobo, encontram-se num manuscrito do Museu Britânico. Foram publicadas por Ricardo Jorge em *Cartas dos Grandes do Mundo Coligidas por Francisco Rodrigues Lobo (1612)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.

Como professor, Cataldo tomava a sério a sua tarefa, não hesitando em recorrer a ocasionais bofetadas e puxões de orelha aplicados aos seus alunos mais jovens, quando não trabalhavam satisfatoriamente. D. Jorge foi por ele educado, como se fosse um filho, em colaboração com a irmã do rei, a infanta D. Joana, em Aveiro, até 1490, ano da morte da futura Santa Joana. Note-se que a tia não era menos severa que o mestre italiano, pois é o próprio Cataldo quem estranha o excesso de rigor com que ela criava o sobrinho².

Sob o regime severo do preceptor, D. Jorge acabou por ser um bom conhecedor da língua latina, lendo fluentemente autores como Virgílio, Horácio e Ovídio.

Quando, em Novembro de 1494, o médico alemão Jerónimo Münzer, conhecido em latim por Hieronymus Monetarius, esteve em Portugal, onde foi recebido por D. João II, conheceu Cataldo e o pupilo D. Jorge, e deles falou no seu *Itinerarium*³. D. Jorge impressionou-o vivamente, pela facilidade com que se exprimia em latim. Três anos antes, falecera o herdeiro legítimo do trono, o príncipe D. Afonso, e o Dr. Münzer comenta que o filho bastardo do soberano, pela sua inteligência e cultura, bem merecia o ceptro real.

Em 25 de Outubro de 1495, falecia, em Alvor, o rei D. João II.

D. Jorge, apesar de todo o seu reconhecimento a Cataldo, referido pelo Dr. Münzer, não tardou em sacudir o jugo imperioso do seu mestre.

O humanista ressentiu-se do afastamento do pupilo, não escondendo a sua mágoa, em prosa e verso.

Entretanto, o novo soberano, D. Manuel, primo direito e cunhado do rei anterior, deu a Cataldo provas de considera-

² *Idem, Para a História do Humanismo em Portugal*, II, Lisboa, FCG/JNICT, 1994, pp. 51 e segs.

³ Basílio de Vasconcelos, *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer (Excertos)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

ção, levando-o consigo na viagem que fez a Castela onde fora com sua mulher, a princesa Isabel, filha dos Reis Católicos, prestes a ser mãe. Como é sabido, a princesa morreu de parto.

Cataldo teve a honra de ser apresentado pelo rei D. Manuel a seu sogro, Fernando, o *Católico*, rei da Espanha unificada.

E o mesmo D. Manuel lhe arranhou dois novos alunos da mais alta nobreza: D. Pedro de Meneses que, no ano seguinte, em 1499, seria o 2.º conde de Alcoutim, então com 11 anos de idade, e sua irmã, D. Leonor de Noronha, com 9 anos. Foram, segundo o testemunho do próprio Cataldo, os seus alunos mais brilhantes.

No ano seguinte, em 26 de Novembro de 1500, D. Jorge casava com D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, irmão do duque de Bragança, D. Fernando, decapitado em 1483, por conspirar contra D. João II.

O casamento era promovido pelo rei D. Manuel que assim fazia a reconciliação entre a Casa de Bragança, na pessoa de sua sobrinha D. Beatriz, e o filho bastardo do rei que perseguira os Braganças.

Por essa altura se operou também a reconciliação entre Cataldo e o seu antigo educando D. Jorge, agora mestre das Ordens de Santiago e Avis e duque de Coimbra. Aliás, provavelmente também por iniciativa do rei D. Manuel, Cataldo ensinava nesta altura D. Dinis, irmão mais novo do duque de Bragança, D. Jaime, e um pequeno Jorge, filho mais novo do Senhor D. Álvaro, pai da noiva.

Para festejar o casamento, Cataldo escreveu um poema nupcial em latim, um *Epithalamium*, em que faz o elogio dos nubentes e seus progenitores.

No volume *Cataldi Epistolarum et Orationum secunda pars*, que designaremos, daqui em diante, por *Ep. II*, publicado cerca de 1513, não faltam cartas, em latim naturalmente, a D. Jorge e sua mulher, a duquesa de Coimbra, algumas delas afectuosíssimas.

Lembro-me, em particular, de uma em que o humanista celebra comovidamente o nascimento do primogénito do casal, de nome João, como o avô, e futuro 1.º duque de Aveiro (*Ep. II*, fl. B2).

Ainda no último dos seus poemas longos, intitulado *De Diuina Censura et Verbo Humanato* que se encontra num manuscrito da Biblioteca de Évora, o humanista não esquece o seu querido discípulo, chamando a D. Jorge «o mais cultivado dos Mestres das Ordens Militares».

Assim sendo, não se compreende a interpretação que o Dr. José Hermano Saraiva, no seu livro *Vida Ignorada de Camões*, dá a uma anedota do século XVI, ao tentar provar que D. Jorge não sabia o que significava a palavra «humanista», ao contrário de dois pajens seus que o sabiam muito bem ⁴.

Voltemos, porém, aos novos alunos de Cataldo, os filhos de D. Fernando de Meneses e D. Maria Freire, marquesa de Vila Real.

Eram um casal cultivado, estes marqueses de Vila Real. A D. Fernando dirigiu Cataldo uma carta em latim, antes de 1499, na qual fez a primeira defesa em Portugal do latim humanístico. E D. Maria Freire era uma das mulheres latinas da corte, a quem o humanista chamava *sibilas*.

Em 1509, num discurso em que saudou a entrada do marquês em Vila Real, o humanista Salvador Fernandes declarou que a única língua viva no palácio do marquês era o latim. Traduzi a carta de Cataldo e o discurso de Salvador Fernandes no meu livro *Latim Renascentista em Portugal*, 2.^a edição, Lisboa, FCG/JNICT, 1993.

Em cartas ao rei D. Manuel, o humanista refere-se aos pupilos D. Pedro de Meneses e sua irmã D. Leonor com palavras entusiásticas. Sob a sua direcção, D. Pedro, aos 12 anos de idade, comentou em latim perante os membros do senado da Universidade de Lisboa passos de autores de Roma. E a pedido do rei, repetiu a exibição na sua presença e da corte.

Aos 17 anos de idade, em 18 de Outubro de 1504, dia de São Lucas, fez a oração solene inaugural do ano lectivo de 1504-1505, na Universidade de Lisboa.

A oração chegou até nós, incluída no livro de Cataldo *Ep. II*, e é o primeiro discurso deste tipo que possuímos. Estamos bem informados sobre os pormenores deste acontecimento cultural graças às cartas de Cataldo e a um seu poema, intitulado *Visio Tertia* ou *Terceira Visão*, em que são descritas pormenorizadamente as circunstâncias da exibição literária do conde de Alcoutim.

Houve quem quisesse atribuir a *oratio* ao 1.^o marquês de Vila Real, D. Pedro de Meneses, mas este faleceu cinco anos antes, em 1499. Outras atribuições foram erradamente propostas.

⁴ A. Costa Ramalho, *Camões no Seu Tempo e no Nosso*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 53 e segs.

A *oratio*, como mostrei repetidas vezes, é um documento notável sobre o ambiente épico que se vivia em Portugal, em 1504, e antecipa em mais de sessenta anos o espírito de *Os Lusíadas* ⁵.

D. Leonor de Noronha foi tão boa latinista que Cataldo, numa carta à marquesa D. Maria Freire, ao contar que o rei D. Manuel lhe perguntara qual dos dois irmãos era melhor, a informa de que respondeu não saber. Foi autora de uma tradução portuguesa da *História Universal* do humanista italiano Marcantónio Cocci Sabellico, publicada em Coimbra, em 1555.

D. Pedro de Meneses, irmão de D. Leonor, teve uma brilhante carreira militar, política e diplomática e foi um mecenas da cultura, elogiado por escritores contemporâneos.

Já atrás aludimos às relações de Cataldo com a casa de Bragança, a propósito do casamento do seu discípulo D. Jorge, duque de Coimbra, com D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, tio do duque de Bragança, D. Jaime. Um irmão mais novo de D. Jaime, chamado D. Dinis, foi aluno de Cataldo, e, anos mais tarde, sendo o humanista já velho e atacado de gota, foi seu aluno o primogénito de D. Jaime, o pequeno D. Teodósio, que viria a ser o herdeiro da Casa de Bragança, um fidalgo célebre por sua cultura e mecenato. Os últimos epigramas encomiásticos de Cataldo, que se encontram manuscritos na Biblioteca Pública de Évora, foram-lhe dedicados ⁶.

Na correspondência e nos versos de Cataldo Parísio, encontram-se personagens da corte, da mais variada hierarquia social, tanto intelectuais como homens de acção. Entre os intelectuais, Vasco Fernandes de Lucena, já velho e sempre quezilento, e Diogo Pacheco, ambos doutores em Direito, o primeiro, orador da embaixada de D. João II ao papa Inocêncio VIII em 1485, e o segundo, orador das embaixadas de D. Manuel aos papas Júlio II (1505) e Leão X (1513).

De entre os homens de acção, saliento:

D. Martinho de Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, herói do poema *Martinus Verus Salomon* que Cataldo compôs, à roda de 1511; seu genro, João Rodrigues de Sá de Meneses, simultaneamente diplomata, militar e intelectual — este último elogiado numa carta ao conde de Alcoutim e no poema consagrado a seu sogro D. Martinho.

⁵ *Idem*, *Estudos Camonianos*, Lisboa, INIC, 21980, pp. 1-26.

⁶ *Idem*, *Humanitas*, vol. III, 2000, pp. 287 e segs.

Os Corte-Reais, Miguel, porteiro-mor do palácio da Alcáçova, a quem é dedicado um poema a propósito de certo feito heróico no Norte de África, em 1501, e seu irmão mais velho, Vasqu'Eanes de Corte-Real, a quem envia uma carta a felicitá-lo, entre outras coisas, pela boa qualidade do seu latim epistolar.

D. João de Meneses, conde de Tarouca, referido duas vezes em cartas do humanista a seu filho D. Henrique, provavelmente antigo aluno de Cataldo.

Os Manuéis, D. João e D. Nuno, este último colação do rei D. Manuel, que, com ele, fora amamentado por Justa Rodrigues, sua mãe. D. João Manuel recebe cartas e versos de Cataldo; seu irmão, apenas cartas. Justa Rodrigues, a mãe de ambos, que os tivera do bispo da Guarda, D. João, recebe cartas de Cataldo.

O clã dos Alcáçovas e Carneiros, administradores da Coroa, recebe cartas e poemas do humanista⁷.

Aires Teles, o que nasceu «em si(g)no de latim», segundo D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, é também um dos correspondentes de Cataldo Parisio⁸.

A Martim de Sousa, comandante no Norte de África, Cataldo escreve (*Ep. I*, g6 v.º) a felicitá-lo, por ter mandado vir um professor de Latim para ensinar os jovens combatentes, no intervalo da peleja. Em tempos, sugeri que o mestre escolhido talvez fosse Estêvão Cavaleiro, que estava homiziado em Espanha⁹. Nessa carta, o humanista pedia a Martim de Sousa notícias sobre os combates em África, para os introduzir nas suas *Crónicas*.

E este pedido de informações é um dos temas recorrentes no epistolário cataldino, em cartas ao rei D. Manuel, ao conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, que governou Ceuta de 1512 a 1517, a D. Diogo de Noronha, a outros, mas sobretudo ao próprio rei, a quem solicita relatórios sobre as coisas de África e da Ásia que, segundo parece, lhe não são enviados.

Numa carta a Aires Teles (*Ep. II*, B v.º) pede que apresente ao rei o mensageiro que lhe envia com uma carta a pedir um «relatório dos feitos praticados quer na Ásia quer na África»

⁷ *Idem*, *Para a História do Humanismo em Portugal*, II, pp. 67 e segs.

⁸ *Idem*, *Estudos sobre o Século XVI*, INCM, 21983, pp. 336-337.

⁹ *Idem*, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, pp. 7 e segs.

(*de rebus tum in Asia tum in Africa gestis commentarium*) para levar a bom termo a empresa que começou com tanto entusiasmo. A epístola respira uma certa euforia e é datada «do paraíso terrestre» (*ex paradiso terrestri*), talvez Santarém, onde Cataldo gostava de viver sossegadamente para a elaboração da sua obra. Isso não impediu, todavia, que num momento de mau humor, sentindo-se só e ausente dos amigos que teriam partido para a corte, comparasse Santarém a uma sorva, bonita por fora e amarga por dentro ¹⁰.

As informações pedidas nunca chegaram. E o humanista informa o conde de Alcoutim (*Ep. II, A5*) de que está a compor um poema religioso cujo título é *De Trinitate ab aeterno, Verboque incarnato*. A epígrafe não anda longe da que precede a composição em três cantos que se encontra manuscrita na Biblioteca Pública de Évora: *De Diuina Censura et Verbo Humanato*. Cansado dos homens, voltou-se para Deus. O poema deve ser o mesmo e foi possivelmente o último que escreveu.

A sua tradução impõe-se para um conhecimento mais completo da obra do humanista. Aliás, em Cataldo, versos e prosa, poemas e discursos formam um conjunto singularmente homogéneo em que, frequentemente, a explicação do sentido de uma frase na correspondência se encontra nos versos, e a explicação de um verso se encontra na correspondência.

Deste modo, torna-se necessário, para bem conhecer Cataldo, traduzir não apenas os dois livros de *Epistolae et Orationes*, mas também a colectânea de *Poemata* onde se encontram poemas longos como *Aquila* em quatro cantos, publicado com o título *De obitu principis Alfonsi* no volume VI das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de António Caetano de Sousa, no século XVIII.

Na colectânea, publicada em 1502-1503, há ainda outros poemas extensos como *Arcitinge*, sobre a conquista de Arzila e Tânger, em 1471, que traduzi em *Latim Renascentista em Portugal*. E mais alguns que importará traduzir, tais como *De Perfecto Homine*, dedicado a D. João II, mas só publicado depois da sua morte; o *Epithalamium* atrás mencionado; dois livros de *Elegiae*; dois livros de *Epigrammata*, e outros.

¹⁰ Cf. *idem, ibidem*, pp. 15 e segs.

Quanto à segunda colectânea de versos, publicada cerca de 1513, ela compreende os cinco livros das *Visiones*, todos eles ligados à vida da corte; o *Verus Salomon Martinus*, atrás referido, já publicado em tradução; e outros poemas variados.

Num manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, como disse antes, encontra-se o longo poema *De Diuina Censura et Verbo Humanato* e alguns epigramas a respeito de D. Teodósio, futuro duque de Bragança.

O valor poético de muitas destas composições não é grande, mas o seu interesse documental é incalculável. Se não valerá a pena traduzi-las todas, importa, todavia, conhecer o seu conteúdo.

Finalmente, poderá mencionar-se uma Estilística Latina anónima, existente na Biblioteca Municipal de Évora, como obra de Cataldo. Foi descoberta e identificada por Manuel Saraiva Barreto num trabalho intitulado «Uma *Ars Eloquentiae* dos primórdios do Humanismo em Portugal», *Boletim da Universidade de Coimbra*, vol. 37, 1982, p. 133-160.

Ao concluir o primeiro dos artigos que sobre ela publiquei ¹¹, escrevi: «Uma coisa é certa: a Estilística Latina, agora dada a conhecer por Saraiva Barreto, aponta uma vez mais para a introdução do Humanismo em Portugal, por via italiana, mais de cinquenta anos antes da abertura do Colégio das Artes em Coimbra, em 21 de Fevereiro de 1548.»

¹¹ *Idem, ibidem*, I, pp. 193-197; II, pp. 103-106.

ÍNDICE GERAL

Prefácio de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO e AUGUSTA FERNANDA OLIVEIRA E SILVA	7
CATALDO	9

EPÍSTOLAS DE CATALDO

II PARTE

1 Cataldo ao muito ilustre Dinis, sobrinho, por parte de irmã, do rei Manuel	21
2 Cataldo ao nobre varão Fernando de Alcáçova	25
3 Cataldo ao nobre varão Fernando de Alcáçova	29
4 Cataldo aos irmãos Jorge Furtado e António de Mendonça	31
5 Cataldo ao rei Manuel, senhor nosso	33
6 Cataldo ao rei Manuel, senhor nosso	35
7 Cataldo a Vasqu'Eanes de Corte-Real, membro da corte	37
8 Cataldo ao nobre Aires Teles	39
9 Cataldo ao rei Manuel, senhor nosso	43
10 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	45
11 Cataldo a João Manuel, camareiro-mor do rei	49
12 Cataldo ao magnífico D. Rodrigo	51
13 Cataldo a Lopo da Fonseca, doutor nos dois direitos	53
14 Cataldo ao honrado Pedro de Lemos	55
15 Cataldo ao muito ilustre Marquês	57
16 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	59
17 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	61
18 Cataldo à muito ilustre Marquesa	63
19 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	65
20 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	69
21 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	73
22 Cataldo a João de Noronha, segundo filho do Marquês	77
23 Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	81
24 Cataldo ao mestre e duque, seu senhor	85
25 Cataldo ao mesmo senhor	87
26 Cataldo ao mesmo senhor	89

27	Cataldo ao muito ilustre Marquês	91
28	Cataldo a Pedro Matela, contador régio	93
29	Cataldo a D. Henrique de Meneses	97
30	Cataldo ao vitoriosíssimo rei Manuel, senhor nosso	101
31	Cataldo ao nobre varão Jorge Furtado	105
32	Cataldo a Pedro Estaço, filósofo natural	109
33	Cataldo ao nobre varão Fernando de Alcáçova	111
34	Cataldo ao muito divino rei Manuel, senhor nosso	113
35	Cataldo ao nobre Aires Teles	115
36	Cataldo ao Mestre e Duque, seu senhor	117
37	Cataldo ao nobre e prudente Fernando de Alcáçova	119
38	Cataldo ao Magnífico Diogo de Noronha	123
39	Cataldo a D. Henrique de Meneses	127
40	Cataldo a D. Afonso, conde de Benalcáçar	129
41	Cataldo à muito ilustre duquesa de Coimbra	131
42	Cataldo ao muito ilustre D. Álvaro, presidente de Portugal	133
43	Cataldo a D. Nuno Álvares	141
44	Cataldo ao nobre e prudente Fernando de Alcáçova	143
45	Oração que devia ser proferida perante D. Manuel, sereníssimo rei, dirigida a D. Maria, sereníssima rainha de Portugal, então para entrar pela primeira vez em Santarém	145
46	Cataldo aos irmãos Jorge Furtado e António de Mendonça	147
47	Cataldo ao mestre-duque, seu senhor	149
48	Cataldo ao Magnífico Reitor e à muito celebrada Universidade de Salamanca	153
49	Cataldo ao nobre Manuel Teles	155
50	Cataldo ao excelente Senhor D. Nuno	159
51	Cataldo ao magnífico António Carneiro, secretário régio	161
52	Cataldo a Francisco Carneiro	163
53	Cataldo ao magnífico D. Lopo de Almeida	165
54	Cataldo ao muito ilustre Marquês	167
55	Cataldo ao conde de Alcoutim, único senhor	169
56	Cataldo à muito ilustre Marquesa	171
57	Cataldo a D. João de Noronha	173
58	Os autarcas da vila de Santarém a Graciano, prefeito da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho	175
59	Oração pronunciada por Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, perante o sereníssimo rei Manuel nas Escolas, em Lisboa	177
60	Cataldo ao mestre-duque, seu senhor	179
61	Cataldo a Pedro Estaço	181
62	Cataldo a Pedro Estaço	183
63	Cataldo ao nobre Aires Teles	187
64	Cataldo ao conde de Alcoutim	189
65	Cataldo ao excelente e magnânimo senhor D. António de Noronha, parente do rei	201
66	Cataldo ao magnífico António Carneiro, secretário régio	205
67	Cataldo a Francisco Barradas, grande especialista em Direito Pontifício	207

68	Cataldo ao mestre-duque, seu senhor	211
69	Cataldo a Pedro de Meneses, o primeiro dos condes	213
70	Cataldo ao magnífico António Carneiro, secretário régio	215
71	Cataldo ao conde de Alcoutim, seu senhor	217
72	Cataldo ao nobre e prudente Fernando de Alcáçova	219
73	Cataldo ao nobre Fernando de Alcáçova	223
	<i>Índice onomástico</i>	225
	<i>Índice toponímico</i>	229
	<i>Bibliografia</i>	231
	<i>Fac-símiles</i>	235